



Retratos de Antonio Conselheiro na Xilogravura e no Cordel

Portrayals of Antonio Conselheiro in Woodcut and Cordel

Laura Muriel Costa

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, São Paulo/ Brasil

muriel.costa@unesp.br

<http://orcid.org/0009-0008-6642-0450>

Resumo: Antonio Conselheiro, líder político e religioso da comunidade de Belo Monte, palco da Guerra de Canudos entre 1896 e 1897, é figura notória. Figurando não só no imaginário popular como em diversas produções artísticas, Conselheiro foi retratado de inúmeras maneiras nos mais diversos gêneros textuais. Este trabalho aborda retratos de Conselheiro traçados em textos verbais e não verbais, valendo-se dos conceitos de análise semiótica de figurativização e tematização. Foram realizadas análises de trechos de dois folhetos da literatura de cordel, “Guerra de Canudos”, de Raimundo Santa Helena; e “Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos”, de Rodolfo Coelho Cavalcante e as xilogravuras das capas dos mesmos folhetos. Em todos os textos abordados, verbais e não-verbais, ficou nítida uma preponderância do tema da religiosidade ao retratar Conselheiro, por mais que existam divergências na imagem que é traçada da comunidade de Canudos entre os dois folhetos.

Palavras-chave: cordel; xilogravura; retratos; Antonio Conselheiro.

Abstract: Antonio Conselheiro, a noteworthy figure, was the political and religious leader of the Belo Monte community, where the Canudos War took place between 1896 and 1897. Figuring not only in popular imagery but also in several artistic productions, Conselheiro has been portrayed in countless ways in the most varied genres. This paper addresses verbal and nonverbal portrayals of Antonio Conselheiro, making use of the semiotic concepts of figures and themes. Excerpts of two Cordel literature chapbooks have been analysed, “Guerra de Canudos”, by

Raimundo Santa Helena; and “Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos”, by Rodolfo Coelho Cavalcante, as well as the woodcuts from the covers of those same chapbooks. In all the addressed texts, both verbal and nonverbal, the prevalence of religious themes is evident when portraying Conselheiro, even though there are divergences in the image that is evoked of the Canudos community in the two chapbooks.

Keywords: cordel; woodcut; portrayals; Antonio Conselheiro.

1 A Literatura de Cordel e as Xilogravuras

Advinda de uma tradição ibérica de narrativas populares, a Literatura de Cordel assume no Brasil, e, mais especificamente, no Nordeste, onde tem maior força, características bastante próprias. Autores como Mark Curran (1973) e Joseph Luyten (1987) conceituam a literatura de cordel como uma espécie de porta-voz dos anseios e temas do imaginário popular, cumprindo por vezes a função de mídia jornalística, sempre em forma de narrativa poética. Apesar de não ser circunscrita ao Nordeste, é lá que a literatura de cordel assume maior força, sendo vendida e cantada em feiras e festas populares.

O processo de confecção dos folhetos é bastante simples, podendo ser realizado com poucos recursos gráficos. Os folhetos impressos são divididos em diferentes categorias, definidas principalmente em função do número de páginas, mantendo-se a constante de múltiplos de oito, pois sua confecção se dá a partir de folhas dobradas em quatro. Características também são as xilogravuras que ilustram as capas dos folhetos e por vezes aparecem ao longo do poema.

É no início do século XX que a xilogravura popular se consolida como ofício, possivelmente com o objetivo de incrementar vendas. Assim como se dá com a confecção dos folhetos, o processo de feitura das xilogravuras também é simples, podendo ser realizado mesmo com meios escassos. As figuras são entalhadas sobre uma superfície de madeira e, após receber uma camada de tinta, são transferidas com o auxílio de colheres, espátulas, ou somente com as mãos, para o papel (PONTES, 2019).

Ao longo deste trabalho serão analisados dois folhetos da Literatura de Cordel, em busca dos retratos esboçados de Antonio Conselheiro, líder religioso da comunidade estabelecida no Arraial de Belo Monte, que seria palco da Guerra de Canudos entre novembro de 1896 e outubro de 1897.

As análises serão pautadas nos conceitos semióticos de figuras e temas, propondo relacionar as xilogravuras das capas às caracterizações do líder religioso nos textos poéticos, delineando, assim, aproximações e divergências entre os retratos de Antonio Conselheiro traçados nos textos verbais e não verbais dos folhetos selecionados.

Em relação à definição de figuras e temas, Fiorin afirma que:

A oposição entre tema e figura remete, em princípio, à oposição abstrato/concreto. [...] A figura é o termo que corresponde a algo existente no mundo natural. [...] Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído. [...] Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. (FIORIN, 2005)

2 Guerra de Canudos, de Raimundo Santa Helena

Vou narrar pros meus leitores
Num trabalho consciente
A Campanha de Canudos
A maior do Continente...
Milhares assassinados,
Vencidos caluniados
Na História contundente... (SANTA HELENA, 1981)

Com esses versos, eles próprios contundentes, Raimundo Santa Helena abre o folheto “Guerra de Canudos”, publicado em 1981. Ao longo da narrativa, Helena propõe uma revisão histórica, contestando o que apresenta como a versão oficial, em que os canudenses são retratados como extremistas e amotinados.

Dentre os moradores de Canudos, são nomeados e caracterizados Pajeú, guerrilheiro; e Antônio Conselheiro, líder político e religioso. Os dois personagens aparecem ao longo do texto exercendo esses papéis, ligados portanto a esferas distintas dentro do movimento.

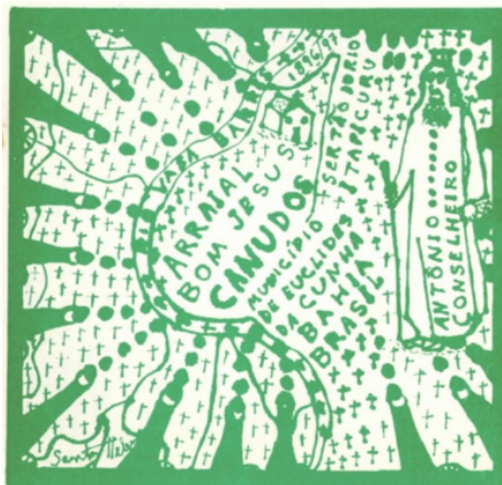
No que diz respeito à caracterização de Antonio Conselheiro, ele é, já na segunda estrofe, apresentado como “Santo, mito, guerrilheiro”. É interessante observar a ordem em que são empregados os adjetivos para descrever o líder religioso: por mais que seja também mito e guerrilheiro, Conselheiro é antes de mais nada Santo. Essa preponderância da faceta religiosa repete-se algumas estrofes adiante, em que ele é descrito da seguinte forma:

Fugindo da palmatória,
 No fim do século findo,
 Conselheiro, “O Beato”,
 Do Ceará foi saindo
 Segurando seu cajado,
 Com a Bíblia abraçado,
 Capelas foi construindo... (SANTA HELENA, 1981)

Na passagem, Conselheiro é descrito não por suas características físicas ou morais, mas sim a partir de sua trajetória enquanto beato. As figuras empregadas, do cajado, da Bíblia e de capelas, todas convergem para o tema da religiosidade. As ações do Beato - que é aqui título e descrição - são o que o caracterizam. A escolha pelo não emprego de adjetivos para descrever o líder enquanto pio, moral ou justo justamente evidencia essas características, que seriam pressupostas, evidentes a partir das associações com o tema da religião.

Voltando o olhar para a xilogravura que ilustra a capa do folheto, é possível notar consonância com o retrato esboçado no texto poético. A gravura, de autoria do próprio Santa Helena, é feita em verde, divergindo do tradicional preto. Apresenta o Arraial de Canudos ao centro, com alguns escritos que o situam geograficamente à margem do rio Vaza-Barris e nas proximidades do município de Euclides da Cunha, na Bahia. Conselheiro, nominalmente identificado, é retratado à direita.

Figura 1 - Xilogravura do Folheto “Guerra de Canudos”



Fonte: SANTA HELENA, 1981.

Há aqui uma repetição do tema da religiosidade através da presença das figuras da igreja ao centro do Arraial, das cruzes que ocupam grande parte do espaço em branco e, evidentemente, da própria figura de Conselheiro, em seus trajes de beato. As cruzes, além de pertencerem ao universo simbólico da religiosidade, integram também o tema da morte, em consonância com a visão apresentada na narrativa que visa honrar a memória dos canudenses, a partir de uma ótica de reparação histórica. É interessante observar as figuras alongadas que acompanham as bordas da gravura, convergindo em direção ao centro e estreitando-se progressivamente. Não são figuras definidas identificáveis, mas seu estreitamento em direção ao centro confere uma impressão de movimento, o que, em conjunção com a cor escura e o fato de circundarem o arraial, constrói um discurso ameaçador, de encurralamento, o que condiz com a narrativa que apresenta os canudenses como heróis injustiçados que demoraram a sucumbir, mesmo ante o avanço da maioria numérica incontestável das forças republicanas.

A figura de Antonio Conselheiro, situada à direita da imagem, traz os elementos recorrentes de sua caracterização, como o cajado, a túnica e barba e cabelos longos. O pregador, apesar de não estar centralizado, é o foco, sendo representado em tamanho muito maior que os demais elementos da gravura. Seus olhos não são representados em detalhe, com dois círculos escuros que assemelham-se quase a óculos de sol, o que não permite a quem observa identificar para onde se volta seu olhar. Esse detalhe é significativo por aparecer em diversos retratos, como veremos a seguir. A imagem do pregador presente na capa figura ao longo do folheto, repetindo-se à direita do texto em todas as páginas, acompanhando o leitor e abrindo caminho com seu cajado ao longo do poema.

3 Antônio Conselheiro, O Santo Guerreiro de Canudos, de Rodolfo Coelho Cavalcante

Neste folheto de 1977, vemos uma perspectiva bem distinta da anterior sobre os acontecimentos do Arraial de Belo Monte. Rodolfo Coelho Cavalcante posiciona-se a favor das instituições republicanas, apresentando os canudenses como monarquistas, selvagens e fanáticos.

Vestia ele uma túnica
Grosseira de azulão,
De cabeça descoberta

Apoiado num bastão,
Barbas brancas e crescidos
Seus cabelos, parecidos
Semelhantes de Sansão.
(CAVALCANTE, 1977)

Essa descrição, em que o eu-lírico apresenta a figura de Antônio Conselheiro, traça um retrato físico do messias, caracterizando-o pelo hábito azul, bastão e as longas barbas e cabelos. As figuras da túnica, barba e cabelos todas compõem o tema da religiosidade, remetendo às figuras dos profetas que integram o universo simbólico cristão. Esse tema reafirma-se através da comparação com Sansão, figura bíblica.

Conselheiro estava morto
Por sofrer tantos revés
Porém morreu como Líder
Nos momentos mais cruéis,
Foi ele um Santo Guerreiro
Que teve o fim derradeiro
Morrendo pelos fiéis.

Para concluir, leitores,
Foi Antonio Conselheiro
Um Bravo, um Herói, Fanático,
Um cidadão brasileiro
Que seria premiado
Se ele lutasse ao lado
De um ideal verdadeiro. (CAVALCANTE, 1977)

É interessante observar como essas estrofes, já ao final da narrativa, delineiam a figura de Conselheiro, contrapondo-a à imagem traçada dos demais habitantes de Canudos, “Jagunços fanáticos” que “até o sangue bebiam” (CAVALCANTE, 1977). Há aqui uma demarcação de dois grupos distintos, em que um pólo temos uma maioria constituída por “fanáticos matreiros”, que contrapõe-se à figura de Conselheiro que situa-se em outro domínio, não com os “fanáticos municidados”, mas sendo um “Santo Guerreiro”, um “Bravo” e um “Herói”, ainda que “Fanático”. Ainda sim, por mais que seja estabelecido que Conselheiro poderia ter sido homenageado se tivesse lutado por outro ideal, no acróstico final o eu-lírico fecha o texto poético com um apelo: “F-indo Antonio Conselheiro / O-utro não apareça, não” (CAVALCANTE, 1977).

A xilogravura da capa deste folheto é de autoria de Mestre Dila, nome artístico de José Soares da Silva, renomado poeta e xilogravurista. A imagem segue a tradicional escolha de cores em preto, com o uso dos espaços em branco para conferir detalhes e texturas.

Figura 2 - Xilogravura do Folheto “Antonio Conselheiro
- o Santo Guerreiro de Canudos”



Fonte: Galeria Pontes – Dila. Disponível em: <<https://www.galeriapontes.com.br/project/dila/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Na imagem, Antonio Conselheiro está centralizado, de pé sobre o chão, segurando um cajado na mão esquerda e com o olhar voltado para fora da imagem, fixado em algum ponto que não é visível ao leitor¹.

¹ José Calasans (1963), em “Notícias de Antonio Conselheiro”, cita Gene Fontes, intelectual baiano que descreveu o beato para o jornal “A República”: “O que lhe dava o tom à fisionomia era o olhar. O olhar boiava, naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível que caracteriza os místicos, os sonhadores, os alucinados. Fitava um ponto do espaço, olhando sem ver, absorvido em êxtases.” Evidentemente que as descrições que temos do líder messiânico, mesmo aquelas feitas por seus contemporâneos, são parciais e influenciadas pelo seu crescente prestígio e fama

O tema da religiosidade faz-se novamente presente através das figuras do cajado e da túnica, que caracterizam o beato. Conselheiro é ainda retratado de chinelos, remetendo à abnegação e rejeição dos bens materiais. Os cabelos e barba longos aparecem novamente, consolidando a figura do messias.

A xilogravura é auspiciosamente desprovida de um cenário detalhado. Todos os seus elementos complementam e figuram em função da figura de Conselheiro, que ocupa quase todo o espaço da página. Esse protagonismo ressoa também no título do folheto: Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos. Novamente: Conselheiro é Guerreiro, mas primeiramente é Santo.

Considerações finais

Nos dois folhetos analisados há uma consolidação do retrato de Antonio Conselheiro enquanto líder religioso. Há nas gravuras e textos poéticos uma recorrência de figuras que integram o tema da religião, como as do cajado, túnica, barba, cabelos longos; e nas escolhas lexicais através do emprego de adjetivos como “santo” e “beato”.

Conselheiro ocupa um espaço central nas representações da Guerra de Canudos, tanto nas que condenam os canudenses quanto naquelas que os saúdam. Figurando como incontestado líder religioso sem, no entanto, incorrer no fanatismo de que são acusados os demais habitantes de Belo Monte, ele é a constante em torno da qual se agrupam não somente aqueles que o seguiram, mas também as narrativas tecidas ao redor deles.

Referências

- CALASANS, J. Notícias de Antonio Conselheiro. *Jornal da Bahia*, p. 1, 1963.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos*. Salvador: Tipografia Ansival, 1977.
- CURRAN, M. *A literatura de cordel*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

enquanto suposto profeta e intermediário divino. De qualquer forma, nos interessam aqui as percepções e retratações de Conselheiro, fidedignas ou não, e o olhar voltado para fora, sem ver, é uma constante que repete-se.

FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LUYTEN, J. M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PONTES, E. M. de. *A Xilogravura Popular: xilógrafos e poetas de cordel*. São Paulo: Galeria Pontes, 2019.

SANTA HELENA, R. *Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1981.